

RELATO DE EXPERIÊNCIA: PRÁTICA INSTITUINTE MEDIADA PELOS AMBIENTES INTERATIVOS

Tânia Maria Hetkowski¹

Compreender o cenário das Tecnologias da Informação e da Comunicação – TIC - e das práticas pedagógicas na educação, especialmente no Ensino Superior, requer dinamizar os campos empíricos e teóricos, buscando entrelaçar e aprofundar ambos. Para tanto, é necessário compreender a natureza dinâmica, interativa e os reflexos da pluralidade constitutiva das salas de aula e da ação docente, os quais possibilitam um entendimento epistemológico das práticas instituídas e das práticas que podem ser instituintes, pois estas constituirão os fios deste artigo que mostrarão os processos investigativos de uma pesquisa realizada junto com diferentes grupos de professores.

Essa proposta de pesquisa teve como objetivo uma ação conjunta entre professores e alunos, com a pretensão de provocar um movimento interativo e instituinte, capaz de desenvolver uma dinâmica própria do grupo, pois para perceber o movimento da cultura pedagógica que envolve os ambientes interativos na escola e identificar elementos para a tomada de consciência é necessário não conceber as atividades pedagógicas e educacionais como transmissão ou aplicação de informação, mas como dimensões à transformação da velha cultura escolar instituída.

No que se refere às práticas educacionais, a tomada de consciência também está relacionada às perspectivas transformadoras e emancipatórias. Tomar consciência é romper com o senso comum, é refletir sobre as ações e ser capaz de ousar e mudar, é perceber com mais clarificação que os processos multidirecionados e de ampla interatividade poderão ser aliados à superação da hegemonia que domina as práticas escolares.

Com esse intuito, utilizamos como estratégia metodológica a pesquisa-ação, uma vez que o pesquisador deve ter a capacidade de observar as intenções implícitas ou explícitas nas argumentações dos participantes. Essa estratégia exigiu uma amostragem representativa e qualitativa de 145 participantes, sujeitos-professores matriculados nos cursos de Graduação e de Especialização (Pedagogia: 75; Metodologia do Ensino de História: 29 alunos e Metodologia e Didática do Ensino Superior: 4), oferecidos pela UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina/Joaçaba.

O desenvolvimento desta Pesquisa-ação não tinha a intenção de seguir, rigidamente, fases ordenadas, mas de visualizar um vaivém entre as técnicas, a teoria, as argumentações e as ações em função da dinâmica e do movimento desencadeado pelos ambientes interativos. Assim, uma multiplicidade de encruzilhadas foram enfrentadas no decorrer do movimento, isso justifica que as fases indicadas têm a intenção de mostrar o andamento e os objetivos da pesquisa e não de fragmentá-la: a) fase exploratória da pesquisa constituiu em desvendar

¹ Doutora em Educação pela FAGED/UFBA, professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Salvador – Bahia.

o campo e os atores da pesquisa; b) fase de identificação dos problemas e aprofundamento teórico; c) fase da exploração dos ambientes interativos digitais (lista de discussões, fóruns, e-mails etc); d) fase para interagir, discutir, argumentar, redimensionar e criar proposta de uso dos ambientes interativos nas escolas da região oeste de Santa Catarina.

As práticas efetivadas em ambiente interativo, no laboratórios de informática, não tinham a pretensão de desenvolver as habilidades inerentes ao manuseio das TIC, mas de descobrir processos de negociação para interagir. Essa negociação exigia uma reciprocidade de respeito entre participante e pesquisadora, uma vez que o desejo dessa pesquisa era valorizar as múltiplas linguagens dos diferentes interlocutores em uma lista de discussão denominada metáfora, nos fóruns, nos e-mails e nas trocas dialógicas em sala de aula. Destacamos que a escolha do nome da lista teve como inspirador o Mario Osorio Marques (1997: 53), quando afirmava que “as metáforas não criam sistemas de pensamento. São soltas e livres como borboletas voejantes aqui e acolá. Pertencem ao mundo da vida”. Essa era a intenção: deixar os participantes livres para expressarem o que sentiam e o que ansiavam fazer no decorrer da proposta.

Essa pesquisa vem demonstrar que os ambientes interativos, mediados pelas TIC, instituem movimentos próprios dos sujeitos participantes, uma vez que o espaço virtual é potencializador de “vozes” e até os mais tímidos sentem-se provocados ao diálogo. Esse diálogo provocativo gerou, do grupo, quatro grandes temáticas: Ambientes Interativos; Acesso às TIC nas escolas; Formação de Professores e as Possibilidades das TIC e neste artigo será dada ênfase na primeira temática.

Ambientes Interativos: uma construção coletiva

- *“Sobre o que estão falando? Pergunta um colega que chega mais tarde aos encontros”*
- *“Pára... Pára tudo, não estou entendendo nada! Diz outro, no fundo da sala, interrompendo a intervenção de outro colega. – É que eu estava navegando a mil nesse site que fala sobre os investimentos que o governo vai aplicar nas TIC às escolas...”*
- *“Espere aí... Tudo isso você precisa socializar, vamos devagar... Envie um recado para a lista com o site... Vamos discutir isso com mais profundidade... Entendeu? - Responde uma colega que gostava de organizar a bagunça”*.

Depois de um turbilhão de trocas, de coisas ditas e caladas, conceitos, textos, autores, idéias, significados, significações entre outras tantas coisas que perpassaram os encontros, a pesquisadora pensou: “o que fazer com esse caldeirão de idéias que fervilhou e que consegue despir-nos, que desestabiliza os conceitos instituídos e que provoca inúmeras interrogações?”

Os ambientes interativos, mediados pelas TIC, representam universos de possibilidades. São espaços onde os participantes podem agenciar inúmeros eventos que acontecem e agenciar eventos significa pensar na grandeza do jogo-aprender, ou seja, na idéia que permeia o jogo e criar novos discursos, argumentações, resistências, ações, linguagens, enfim, dinamizar um movimento e transformá-lo em intensidade.

Assim, o movimento interativo permitiu ao grupo de participantes opinar e decidir sobre o que seria explorado, trabalhado e aprofundado nos encontros, bem como quais seriam os recursos tecnológicos que utilizariam. As possibilidades interativas entre os participantes e o pesquisador consistiram em explorar sites, textos acadêmicos, vídeos, jornais, revistas, incluindo softwares autorais, listas de discussões, fóruns e e-mails gratuitos. Todos esses recursos, não permitiram, apenas, melhorar a qualidade do ensino, mas melhorar a qualidade das experiências de aprendizagem, superando o conceito de Instituição como um espaço fechado, instituído e puramente verticalizado.

Nessa mesma instituição verticalizadora, existem espaços que podem e que permitem a transgressão e a interatividade é uma ação que pode, em um outro movimento, contemplar a “complexidade, multiplicidade, não-linearidade, bidirecionalidade, potencialidade, permutabilidade, impresivibilidade etc., permitindo ao usuário-interlocutor-fruidor a liberdade de participação, de intervenção e de criação” (Silva, 2000: 106).

Ou seja, explorar as possibilidades de horizontalidade é pensar no instituinte e desta forma ressonâncias começaram permear a lista de discussão e o grupo sentiu-se desafiado em experimentar os ambientes interativos, bem como participar virtualmente. Mesmo os mais tímidos se manifestavam na lista e provocavam grandes discussões. Foram encontros muitos saudáveis, intensos e desafiantes, pois o instituinte é desejo de inovação sentida e possível.

- *“Nesse momento encontro-me no laboratório de informática e observo a bagunça, colegas aflitos, correndo o tempo todo para entrar na lista, para responder aos colegas e principalmente para provocar discussões com os colegas. São tantos comentários... Tantas dificuldades. Alguns colegas conseguem adentrar no mundo da informática e romper as ‘barreiras’ e ‘bloqueios’ elaborando trabalhos, comentários e já organizam pequenos textos utilizando a tecnologia a favor de seu desempenho como eterno aluno e aprendiz. Nessa corrida veloz em busca de conhecimento, cá estou ainda trêmula e trepida de angústias. Outros colegas ainda mais inseguros que eu, demonstram total inabilidade em lidar com a ‘máquina’, sentem-se perdidos, distantes, diante de um ser inacessível e de difícil diálogo. O barulho leva-me ao tempo da escola primária, onde tudo era festa, a informática estava longe de nosso tempo, pelo menos na escola pública onde estudei, nunca ouvimos falar em laboratório de informática, de correio eletrônico e de tantas outras novidades presentes em nosso mundo atual. Os educadores daquela época conviviam em um cotidiano de atividades rotineiras sem possibilidades tecnológicas. Imagino, hoje, a cara da minha professora ao se deparar com as variadas tecnologias... Como gostaria de enviar esta mensagem para ela, via e-mail, para interagirmos e poder transformar aquela lição de casa chata e sem graça, em algo motivador e interessante. Saio para o intervalo... Retorno ao laboratório e as conversas, trocas e ajudas continuam, os colegas interagem e tentam entender as ‘novas tecnologias no cenário da sala de aula’. Vou me infiltrar na rede e provocar meus colegas... Oi, cyber-colegas!” (Donizete – Metodologia do Ensino de Didática do Ensino Superior).*

Percebemos neste “diário” uma mescla de aflição, de desejo e de anseio em participar da conversa. Ainda sem entender sobre sua responsabilidade em fazer acontecer o movimento,

ela diz que, observando a bagunça, sente vontade de superar as barreiras e bloqueios juntamente com seus colegas, uma vez que a interatividade é a abertura para mais comunicação, mais trocas e mais participação, enfim é “a disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressivamente complexo, e, ao mesmo tempo, atentando para as interações existentes e promovendo mais e melhores interações – seja entre usuário e tecnologias comunicacionais (hipertextuais ou não), seja nas relações (presenciais ou virtuais) entre seres humanos” (SILVA, 1999: 155).

Para manter o mais comunicacional e a fluidez da interação, nasceu, nas aulas e nos espaços individuais, a necessidade de os participantes buscarem textos, sites, revistas, obras, novidades e interlocutores nos espaços instituído e instituinte. Já não bastava manter interações utilizando conhecimentos informais, era preciso apropriar-se dos já construídos cientificamente para aprofundar discussões e conceitos.

- *"Boa noite cyber-turma!!! Me pergunto insistentemente: Porque nos fechamos dentro do cômodo universo que criamos ao redor de nós mesmos, onde só permitimos habitar seres e coisas que julgamos conhecer e/ou dominar? Será que sempre fomos assim? Será que enquanto crianças, na plenitude de nosso entusiasmo com um mundo desconhecido, seus mistérios, suas possibilidades, seus encantos, agimos desta forma? (Zé Luiz - Metodologia do Ensino de Didática do Ensino Superior).*

A partir da argumentação dos participantes, foi possível constatar que havia uma construção textual, mas faltavam elementos teórico-conceituais que dessem sustentação à enunciação clara e permanentemente discutida e compreendida pelos indivíduos implicados na interação. Revela um movimento de contínua tensão entre o conhecimento instituído e aquele que se deseja instituir a partir do conhecimento formal que todos buscavam nas leituras e discussões. Essas teorizações é que poderiam levar à conscientização e implicar mudanças necessárias à prática pedagógica.

- *"Caímos na rede. Mas nem por isso devemos aceitar a condição de peixe, pois não somos.. Somos cyber colegas idealistas, sonhadores e deslumbrados com as novidades e com as possibilidades de transgredir. E ter força para produzir uma mudança de consciência no que se refere às tecnologias na prática pedagógica é uma tarefa para guerreiros, o que ainda poucos de nós somos... Mas sou otimista e sonhador, mas também político, capitalista e egocentrista, mas é a condição do homem neste século revolucionário" (Jorge Luiz - Metodologia do Ensino de Didática do Ensino Superior).*

Efetivar mudanças, na prática, exige que o sujeito seja sonhador, idealista e desejoso em transgredir, mas também consciente daquilo que precisa buscar e fazer para realizar.

Assim, pode-se afirmar que educar significa desinstalar o conhecimento instituído, levando o sujeito a inter-relacionar-se com o meio e com o outro, mobilizando-se, posicionando-se, relacionando-se, expressando-se e atuando no mundo.

- *"Considero o movimento do trabalho muito interessante, na minha opinião, muito proveitoso, quando pintava uma dúvida, eu procurava um colega para esclarecer... E*

também vasculhando aprendi muito... Pintavam as dúvidas e eu continuava vasculhando” (Carla - Pedagogia).

- *“É com alegria que compartilho com meus colegas através do mundo virtual. Estou encantada pela interatividade e inquietude do grupo. Como a metodologia é relevante para a construção da formação do professor e concordo com os colegas que deveríamos estar sempre praticando a inteligência coletiva através de nossos questionamentos e reflexões” (Vera Lúcia –Metodologia do Ensino de Didática do Ensino Superior).*

As fusões desencadeadas através das interações dos participantes ampliaram as possibilidades de utilização do ciberespaço e da comunicação no coletivo. Compartilhar idéias, pesquisar sites, provocar questionamentos, opinar sobre o assunto abordado e interagir com o grupo fez com que eles refletissem sobre a inteligência coletiva que está distribuída no ambiente virtual, que pode ser acessada de forma síncrona ou assíncrona, mobilizando competências individuais e coletivas.

O movimento demonstra as angústias dos participantes sobre o processo educacional instituído, pois eles têm consciência de que o controle excessivo, dentro das salas de aula, representa a fragilidade das metodologias aplicadas nas suas práticas pedagógicas. Para Lévy (1998), esse controle não permite potencializar a educação, a integração e a reorganização do laço social, pois essas atividades não acontecem separadamente, estão se realizando no todo da sociedade, de qualquer ponto que seja um laço social móvel a qualquer outro.

- *“Ao mesmo tempo em que provo o debate, conclamo os colegas: vamos nos envolver mais, vamos conversar mais, ouvir mais, sermos menos preconceituosos, mais vibrantes. Porque provocar também é uma forma de aprender... talvez a melhor delas” (Mario - Metodologia do Ensino de Didática do Ensino Superior).*
- *“Vendo as nossas angústias, não pude ficar fora da lista, sinto-me tentada a falar, ou melhor, teclar, o que é pensamento de muitos de nós... Inclusive de muitos mestres: a presença excessiva com o controle de presença nas nossas aulas mostra uma fragilidade da Educação; porque não estamos todos na sala? Razões pessoais? Falta de compromisso? De motivação? Devemos refletir... Seremos um dia, ou já somos” (Marisa - Metodologia do Ensino de Didática do Ensino Superior).*

Esse desejo de mais comunicacional que os sujeitos se referem e que utilizam para provocar seus colegas depende da capacidade e da iniciativa metodológica do professor, bem como da sua percepção e concepção sobre as potencialidades que os recursos tecnológicos podem desencadear. Esse uso compreende estratégias de inovação na prática pedagógica como uma oportunidade para incidir na realidade e transformá-la.

- *“Posiciono-me dizendo que, dentro desse contexto de tantas resistências, dúvidas que encontramos nesse mundo atual, emerge uma nova dinâmica, onde a tendência de uma sociedade aprendente, onde imaginávamos em pleno curso de formação de professores termos a capacidade de explicar as nossas inquietudes, questionamentos e pensamentos com tanta liberdade. Acredito que a escola tende a ser uma organização aprendente e professor e aluno caminharão na formação de uma relação dialógica,*

aberta e transparente” (Vera - Metodologia do Ensino de Didática do Ensino Superior).

Essa compreensão intensificou a utilização do espaço interativo, onde os encontros promoviam falas complexas, estabelecendo relações em diferentes dimensões. O pensamento linear - no qual todos os processos devem ter início, meio e fim – foi sendo superado.

Superar a linearidade e desencadear uma relação dialógica, mediada pelas TIC, exige compreender os processos e as interferências nas formas de organização do mundo e da vida, ou seja, pressupõe o entendimento da complexidade do pensamento. Escola, professor, aluno e comunidade, juntos, produzem relações complexas, das quais surgem ressignificações à leitura do mundo. Desempenham a função de atores na transformação social, pois “a produção do conhecimento é resultado da ação do homem por sentir-se problematizado, desafiado pela natureza e pela sociedade, na produção e na reprodução da existência” (VASCONCELLLOS, 1993: 84). Pelas discussões levantadas, as TIC aparecem como agentes problematizadores e desencadeadores de relações complexas na escola.

- *“Quero fazer uns questionamentos aos colegas: sendo o aprender uma experiência de contato direto, é possível no aprender nas relações virtuais mediadas por computadores? Será que os exercícios com esta nova linguagem nos ajudam apenas a reter conteúdos? Eu acredito que estas tecnologias são pressupostos simplistas no processo de aprender”.* (Gelso - Metodologia do Ensino de Didática do Ensino Superior).

Nas discussões virtuais, os atores sentem-se desafiados a problematizar e buscar soluções para os problemas gerados pelo grupo, pois o processo de interatividade sugere que os sujeitos se posicionem e produzam suas ressonâncias comunicativas. Segundo PRESTES (1996: 243)

- . Todo sujeito com a competência para falar e atuar tem a permissão para tomar parte num discurso;
- . Todo mundo tem a permissão para questionar qualquer assertiva que seja;
- . Todos têm a permissão de introduzir qualquer assertiva que seja dentro de um discurso;
- . Todos têm a permissão de expressar suas atitudes, desejos e necessidades;
- . Nenhum falante deve ser privado, seja por coersão, interna ou externa, de exercer estes direitos.

A complexidade do pensamento evidencia-se justamente pelo fato de que os ambientes interativos, mediados pelas TIC, permitiram a multiplicidade de vozes, gerando ressonâncias. Essa explosão despertou desejos e necessidades, atitudes e emoções, avanços e retrocessos. O percurso das partículas problematizadoras não é linear. Atinge de forma irregular a cada ator. Para cada um, dependendo dos conhecimentos já incorporados, os significados são diversos. A diversidade representacional do pensamento gerado pela mesma problematização compõem uma face do pensamento complexo.

O desejo de expressão pelos participantes foi facilitado pela disponibilidade das múltiplas linguagens propiciadas pelas TIC, pois representam formas - ora corpóreas, ora virtuais –

nas quais se entrelaçam a linguagem do fazer e do saber, a palavra, a ação e a ação da palavra em simultaneidade. Essa ação da palavra é que abriu espaços para os participantes se manifestarem.

- *“Através do chat percebi que nós, alunos-professores, temos condições de nos deslocarmos com mais facilidade, através da rede, para as escolas e não enfrentamos problemas de locomoção, podemos participar do debate proposto na disciplina, opinar e analisar a idéia dos colegas de outras localidades” (Flávio - Metodologia do Ensino de História).*
- *“Dizem os arautos que as novas tecnologias podem servir para ‘enformar’... Colocar em forma os alunos e professores, como podem estimular os alunos e professores a iniciar a investigação e descobrir os potenciais. Não podemos perder a perspectiva de que as novas tecnologias, quando aliadas a propostas emancipatórias são imprescindíveis à formação e discussões de problemas amplos. Esse posicionamento é reflexo da proposta que estamos fazendo nesta disciplina, pois no início eu estava muito resistente, mas aos poucos fui percebendo que o objetivo da proposta e a interatividade me contaminaram e que as discussões aqui não são ingênuas... Estou curtindo” (Milton - Metodologia do Ensino de Didática do Ensino Superior).*

As falas evidenciam que os participantes descobriram na prática, pelas interações que vivenciaram, que a transgressão do instituído se concretiza no movimento hipertextual e interativo promovido pela utilização das TIC como potencializadoras da prática pedagógica.

Essa transgressão só é perceptível a partir do momento em que os participantes passam a vivenciar o movimento potencializador das TIC. Caso a prática instituinte não tivesse permitido a interação, sem a vivência os participantes teriam a possibilidade de transgressão minimizada.

O movimento estruturante desencadeou uma espécie de cibercultura, ou seja a aspiração de construir um laço social, que não seria fundado sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, tampouco sobre as relações de poder, mas a partir do compartilhamento do saber, da aprendizagem cooperativa e dos processos abertos de colaboração. Os participantes de cada grupo tomaram consciência das possibilidades dos ambientes interativos, mediados pelas TIC, na educação e nos processos de ensino e de aprendizagem.

- *“Aprendi interagindo com os colegas, quem sabia mais ajudava quem menos sabia. Toda vez que eu passava algum e-mails sempre tinha um “bando” comigo para me ajudar, para dar palpites e também para atrapalhar... Continuo gostando da brincadeira e aprendi muitas coisas, a cada aula aprendo mais” (Gislaine - aluna de Pedagogia).*

Na colaboração ativa, está a gênese da inteligência coletiva em que cada participante transforma-se em imigrante da subjetividade, desenvolvendo habilidades para lidar com a

imprevisibilidade, buscando laços sociais nos diferentes tempos e espaços de saberes, através da mobilização ética e cooperativa.

- *“Percebemos, através da interatividade dos diferentes grupos uma preocupação com os diversos e-mails sobre discussões fundamentais na relação professor x aluno x escola x políticas e programas educacionais. Tivemos uma produção virtual significativa, abordando enfoques e polêmicas altamente pertinentes, mas um posicionamento chamou atenção: o surgimento de um novo professor que, ao mesmo tempo que ele conclama com os colegas, pensa em estratégias co-iterativas” (Vera - Especialização em Metodologia do Ensino de Didática do Ensino Superior).*

É papel tanto do pesquisador/professor como dos participantes estabelecer mecanismos de mediação entre o saber já instituído e aquele que se deseja alcançar. Os desafios que são postos nos ambiente interativos exigem dos profissionais da educação o papel, permanente, de mediadores.

Referências Bibliográficas

BARBIER, René. Pesquisa-Ação na Instituição Educativa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.105.

CASTELLS, Manuel. Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (Trad. Roneide Venâncio Majer).

CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. (trad. Guy Reynaud). 4 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

HETKOWSKI, Tânia Maria. O Computador na Escola: entre o medo e o encantamento. Ijuí: UNIJUI, 1998.

LAPASSADE, Georges. Grupos, Organizações e Instituições. (trad. Henrique Augusto de Araújo Mesquita). 3ª ed., Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.

LÉVY, Pierre. A Conexão Planetária: O mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência : O futuro do pensamento na era da informática. (Trad. Carlos Irineu da Costa). 3ª ed. Rio de Janeiro : Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999.

LOURAU, René. A Análise Institucional. (trad. Mariano Ferreira). Petrópolis: Vozes, 1975.

MARQUES, Mario Osorio. A Escola no Computador: Linguagens Rearticuladas, Educação outra. Ijuí: INIJUI, 1999.

MARQUES, Mario Osorio. Escrever é Preciso: o princípio da pesquisa. Ijuí: UNIJUI, 1997.

PRESTES, Nadja H. Educação e racionalidade: conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 2ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2000, 175p.

SILVA, Marco. Sala de Aula Interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 11ª Edição. São Paulo: Cortez, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Construção do Conhecimento em sala de aula. 7ª ed., São Paulo: Editora Liberdade, 1993.